

EUGENIA: PRECONCEITO E RACISMO BASEADOS NA CIÊNCIA

Carolina Bonfim de Oliveira Rocha
Laura Moriggi Castilho¹

Christian Boller
Leide da Conceição Sanches²

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa sobre a eugenia como preconceito e racismo baseados na ciência. A eugenia, teoria formulada por Francis Galton (1822-1911), na Inglaterra visava o aprimoramento da raça, sendo uma prática eliminatória das populações em massa consideradas “inferiores” e sem bons atributos físicos, como portadores de necessidades especiais, negros, miscigenados dentre outros. Esta teoria se desenvolveu e se reorganizou no decorrer dos avanços científicos. Sendo atualmente não mais considerada como parte da genética e sim uma ideologia, a qual embora esclarecida ainda apresenta resquícios de seu legado cultural. Os objetivos desta pesquisa são compreender como a eugenia se desenvolveu no Brasil sustentada pela ciência e delineada pelo preconceito e racismo e verificar sua influência na ciência e onde apresentam-se os resquícios da mesma. Pelas hipóteses apresentadas, partiu-se do pressuposto de que a eugenia é praticada na atualidade e seus resquícios se apresentam na genética, no aborto eugênico e na seleção embrionária. Esta pesquisa cujo título é “Eugenia: preconceito e racismo baseados na ciência” expõe sua relevância acadêmica ao abordar um tema que impactou diversas culturas no passado e que ainda se mostra presente, especialmente na área da saúde humana. Identificada em várias culturas, a eugenia se desenvolveu no final do século XIX, com a pretensão de ser uma ciência baseada na hereditariedade. Seu objetivo era buscar o melhoramento das qualidades inatas da raça e para tanto, classificou os melhores membros e estimulou sua reprodução, bem como selecionou os inaptos e evitou que esses se reproduzissem. Neste contexto, adotou-se a eugenia matrimonial a fim de alcançar a homogeneidade biológica populacional. A partir deste pensamento o determinismo genético assumiu um papel central no contexto político, acarretando em diversas implicações sociológicas. Foram muitas as culturas que aderiram ao movimento eugênico, entre elas destacam-se a norte-americana e a alemã. Entretanto, foi na Alemanha em que o movimento eugênico tomou maiores proporções, pois o nazismo simplesmente aderiu, aceitou e implantou a eugenia por meio de esterilização compulsória e eutanásia, culminando no holocausto. O Brasil

¹ Acadêmicas do segundo período do Curso de Biomedicina da Faculdades Pequeno – FPP, Curitiba/2013, Carol.bonfim@hotmail.com; lau.mcastilho@yahoo.com.br

² Orientadores, Professores da Faculdades Pequeno Príncipe, leide.sanches@fpp.edu.br

também sofreu influência dos ideais eugênicos, com objetivo de “melhoramento da raça”, ligados ao saneamento, branqueamento, higienização e saúde. A aderência às teorias eugênicas ocorreu principalmente entre os intelectuais, cientistas e camadas da elite nacional. Com o intuito de que houvesse uma hierarquização social, os brancos e “belos” ficaram no topo da pirâmide, sendo considerados superiores em todos os aspectos. Posterior a eles vinham os negros, índios, débeis mentais, prostitutas e outras categorias consideradas a escória social. Com o impulsionamento do pensamento eugenista, ocorreu o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia (1929), onde foram apresentados muitos documentos relacionados à raça e à higiene, cujos conteúdos se referiam ao branqueamento, oposição à miscigenação, exclusão dos débeis e promíscuas, como formas de resolver o “problema” para o avanço da sociedade. Nesta mesma época foi criada a Liga de Higiene Mental, com o intuito de higienizar os portadores de problemas mentais e/ou deficiências. Os débeis ou deficientes, assim denominados, não eram um grupo social que interessava para o governo, já que demandavam grandes gastos com a assistência, o que justificava as ações eugênicas negativas e, portanto os maiores investimentos poderiam ser destinados ao resto da população. A Sociedade Eugênica de São Paulo foi a primeira sociedade de eugenia da América Latina em 1918 e o Boletim de Eugenia foi um instrumento para popularizar a ideologia eugênica, sendo seu fundador Renato Kehl, o qual defendia a superioridade branca, principalmente a ariana. A maior parte dos eventos ou acontecimentos eugênicos ocorreram no período do governo de Getúlio Vargas, com a realização de Campanhas Civilizatórias, empreendidas pelas elites que incluíam as Campanhas Sanitárias. O Paraná foi influenciado pelas ideias eugenistas, especialmente pela “Tese do Branqueamento”. Baseado nas teorias do darwinismo social, a presença do negro foi muito desvalorizada, ao passo que se pretendeu desaparecer com os mesmos do território paranaense. Com as influências do eugenismo, do preconceito e do racismo buscou-se maquiar a realidade, sendo o discurso oficial a negação da presença do negro na história do Paraná. A eugenia deixou muitos resquícios presentes na sociedade moderna, modificados em suas denominações, mas claramente possuindo conceitos eugênicos com a esperança do aperfeiçoamento da raça humana. Observa-se a necessidade de um estudo por parte da psicologia, antropologia e ciências biológicas para compreender a construção de preconceitos presentes no universo contemporâneo. Grande parte das adversidades e diferenças ainda existentes para com as minorias religiosas, étnicas e sexuais demonstra um problema evidente. A eugenia expressa novas manifestações no desenvolvimento de tecnociências, como uma forma de selecionar e reprogramar a genética humana para aperfeiçoá-la, como exemplo disto, temos a Eugênica negativa, abortos eugênicos, controle de natalidade, segregação e esterilização dos inaptos. A eugenia não criou os preconceitos e o racismo, estes já eram existentes, mas foi uma teoria essencial para solidificar através da ciência as diferenças sociais. Com relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa que envolve uma revisão de literatura. A revisão se deu em livros e artigos científicos da base de dados da Scielo (Scientific Electronic Library). Conclui-se pelo estudo que as ideias eugenistas de Francis Galton se mostram relevantes em uma análise contemporânea, já continuam de certa forma influenciando a sociedade atual, seja ideologicamente ou cientificamente. Seu legado ainda persiste sutilmente

no senso comum da sociedade, especialmente na engenharia genética, na reprodução assistida e na embriologia, já que toda utilização dos conhecimentos genéticos voltados aos pressupostos de seleção, são considerados como a eugenia propriamente dita.

PALAVRAS-CHAVE:Eugenia; Eugenia no Brasil; Seleção; Reprodução; Hereditariedade.

REFERÊNCIAS:

DEL CONT, V. (2008) **Francis Galton: eugenia e hereditariedade**. São Paulo: Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662008000200004&lng=en&nrm=iso> Acesso em 15, 21 mar. 22, 23, 24 abr. 2013.

FRAGA, I.O E AGUIAR, M.A Neoeugenia: o limite entre a manipulação gênica terapêutica ou reprodutiva e as práticas biotecnológicas seletivas da espécie humana -**Revista Bioética** vol.18, n1: 121 – 130(2010).

MACIEL,M.E.S. (1999)A Eugenia no Brasil. **Revista do Programa de pós Graduação em História da Universidade do Rio Grande do Sul** (vol.7,n.11, 1999).Disponível m:<<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/11/11art7.pdf>>Acesso em 19,22,23,25 de mar 16. 24 ,25,26 de abr. 2013.

MASIEIRO, A.L. (2005) **A Psicologia racial no Brasil (1918-1929)**.São Paulo: Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2005000200006&lang=pt>Acesso em 16,22 mar.23,24 de abr.2013.

OLIVEIRA,C.(2011) **Eugenizar a alma: a constituição da *euphrenia* no projeto de higiene mental voltado à infância da Liga Brasileira de HigieneMental**.São Paulo: Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142011000400004&lang=pt> Acesso em 18,20,21 de mar.8,9,17 abr.2013

PINTO,E.R.(1933) **Ensaio de Antropologia Brasileira**. São Paulo.Disponível em:<<http://www.brasiliana.com.br/obras/ensaios-de-antropologia-brasiliana>>Acesso em 15,18 de mar.

ROSA, A. (2005) **Quando a Eugenia se distancia do Saneamento:as ideias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)**. Rio de Janeiro: Fiocruz. Disponível em:<<http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/santosar.pdf>>. Acesso em 15, 21, 22 mar. 25 abr. 2013.

SANCHES, M. A. *et al.* **Brincando de Deus:bioética e as marcas sociais da genética**. 1.ed. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

SCHRAMM, F.R. Eugenia, eugénia e o espectro do eugenismo: Considerações atuais sobre biotecnociência e bioética- **Revista de Bioética** vol.19,n3 (2011).

SOUZA, V.S. (2009) **Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**: fontes para a história da eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000300012&lang=pt> Acesso em 28,12,15 23 abr.2013.

STEPAN, N. (2005) **A hora da eugenia**: raça gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro. Fiocruz. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v37n131/a1537131.pdf>>. Acesso em 15 mar. 22,23 de abr. 2013.